

Aspectos da Fazenda Amália e da Organização Agro-Industrial Amália S/A

MAURÍCIO COELHO VIEIRA
e LUÍS GUIMARÃES DE AZEVEDO

(Da Divisão de Geografia do CNG)

INTRODUÇÃO

Por volta de 1902, surgiu no atual município de Santa Rosa de Viterbo, a Fazenda Amália. Seu objetivo inicial foi a cultura do café, que se constituiu na sua principal atividade até 1910. Hoje, sua base econômica é o açúcar, cujas plantações datam de 1903, ano em que aí foram instaladas as primeiras máquinas de beneficiamento. Mais tarde, o incentivo da cultura canavieira em todo o estado de São Paulo e a decadência do café propiciaram o desenvolvimento de novas plantações e o aparecimento da Usina Amália, que ao lado da Usina Junqueira foi um dos primeiros estabelecimentos açucareiros da terra bandeirante.

Em 1918 a fazenda passou às mãos da família MATARAZZO com a subsequente organização da Agro-Industrial Amália S/A, integrada às Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, absorvendo-lhe toda a produção.

O vulto de tal empreendimento culminou com a aquisição de novas terras ampliando consideravelmente a área da antiga fazenda, que atualmente se estende pelos municípios de Santa Rosa de Viterbo, São Simão, Tambaú, Serra Azul e Capim, num total de 10 000 alqueires paulistas.

Nessa extensa propriedade sobressai a cultura canavieira ao lado de outras atividades agropecuárias e industriais. Há, na realidade, duas organizações funcionando nesta área: a agrícola, cujos produtos são oriundos da Fazenda Amália, que os fornece às indústrias da Agro-Industrial Amália S/A.

Dentre as outras culturas destacam-se a da mandioca, do tomate, da ervilha, do café, da goiaba e outras em menor escala. Excluindo-se a rubiácea, os demais produtos são industrializados na própria fazenda sob a responsabilidade da Agro-Industrial Amália S/A.

A AGRICULTURA

No setor agrícola salienta-se a cana-de-açúcar como a cultura de maior projeção, ocupando uma área de 3 000 alqueires. Toda ela obedece aos moldes mais indicados pela técnica agrícola moderna, tais como: cultura em curvas de nível, adubagem, irrigação e total mecanização, desprezando o uso da terra em declives impraticáveis ou de pouco rendimento. Aliás estas áreas são pouco numerosas na região em aprêço, que se caracteriza pela topografia suave.

O emprêgo de tais processos possibilita uma produção, cujo rendimento é suficiente para abastecer a Usina Amália sem que haja necessidade de suplementação proveniente de pequenos produtores, tal como sucede em outras usinas do estado de São Paulo.

Toda cultura canavieira é precedida de análise do solo, que indica para cada talhão, a porcentagem de adubo imprescindível a um bom rendimento. Assim, nota-se o uso de vários tipos de adubo conforme as exigências de cada talhão. Entre eles, podemos mencionar: estêrco animal, adubo químico, orgânico e também adubo verde, *Juncea* sp. e *Crotalaria* sp., feijão de porco e mucuna preta.

A cana é plantada no período que vai de fins de setembro até janeiro, enquanto a safra tem início em maio e se prolonga até outubro. Como se observa, não há uma coincidência entre o fim da safra e o início do plantio porque nem toda a cultura entra ao mesmo tempo na industrialização.

Entre as variedades de cana aí cultivadas destacam-se a cana "azul", variedade selecionada no Peru, que contém muita sacarose e pouca fibra, portanto com melhores condições para a moagem; a denominada "barbados", proveniente da ilha do mesmo nome, melhor ainda que a anterior quanto ao

N. R. — O presente trabalho é fruto de observações de campo realizadas pelos geógrafos MAURÍCIO COELHO VIEIRA e LUÍS GUIMARÃES DE AZEVEDO, por ocasião da excursão aos estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina, no período compreendido entre 16 de agosto e 30 de setembro de 1957. Nessa viagem foi visitada a Fazenda Amália, sediada no município de Santa Rosa de Viterbo, cujos principais aspectos são sucintamente focalizados.

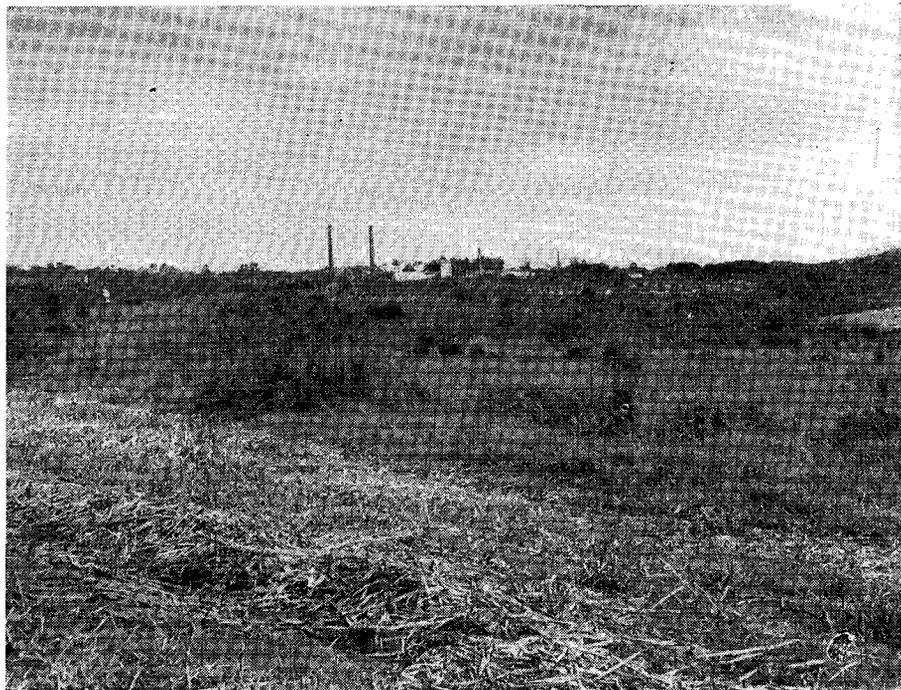


Foto 1 — Vista da sede da Usina Amália, instalada num patamar modelado no arenito Botucatu. Neste conjunto realiza-se a industrialização do açúcar cristal, refinado e de tabletes, bem como a fabricação do álcool. Dentro dessa mesma propriedade outros conjuntos industriais bem aparelhados, se destinam beneficiamento da mandioca, à confecção de doces e à fabricação de extrato de tomate.

No primeiro plano vê-se um canalial cortado e mais atrás as pastagens que se estendem em frente à usina. O uso da terra acha-se relacionado com as condições pedológicas: os terrenos férteis, derivados de eruptivas básicas, são aproveitados para a cultura canavieira e os provenientes do arenito, para os pastos.

A Usina Amália ocupa área muito extensa compreendendo terras e benfeitorias nos municípios de Santa Rosa do Viterbo, Tambaú, Serra Azul, Cajuru e São Simão. (Com. M.C.V.) Município de Santa Rosa do Viterbo — São Paulo (Foto CNG -- n.º 5211-TS).

2 — Vale do rio Cachoeira, afluente do Pardo. Como se vê, as culturas de cana-de-açúcar e tomate obedecem a curvas nível. A reserva de água e a capoeira estão de acordo com a topografia desaconselhada para a mecanização. (Com. M.C.V.).

Município de Santa Rosa do Viterbo — São Paulo (Foto CNG n.º 5212-TS)

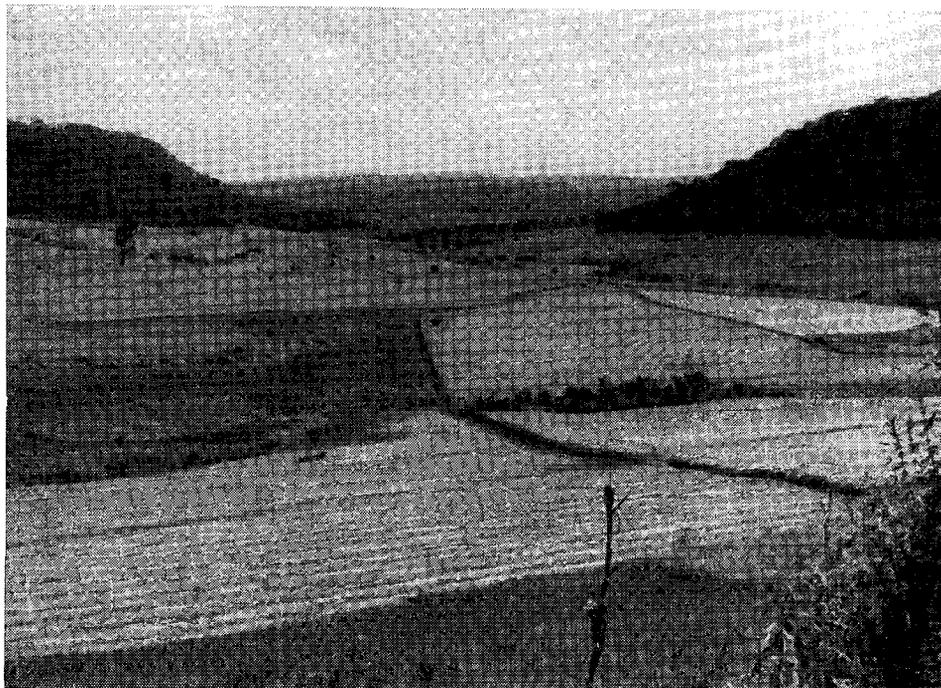
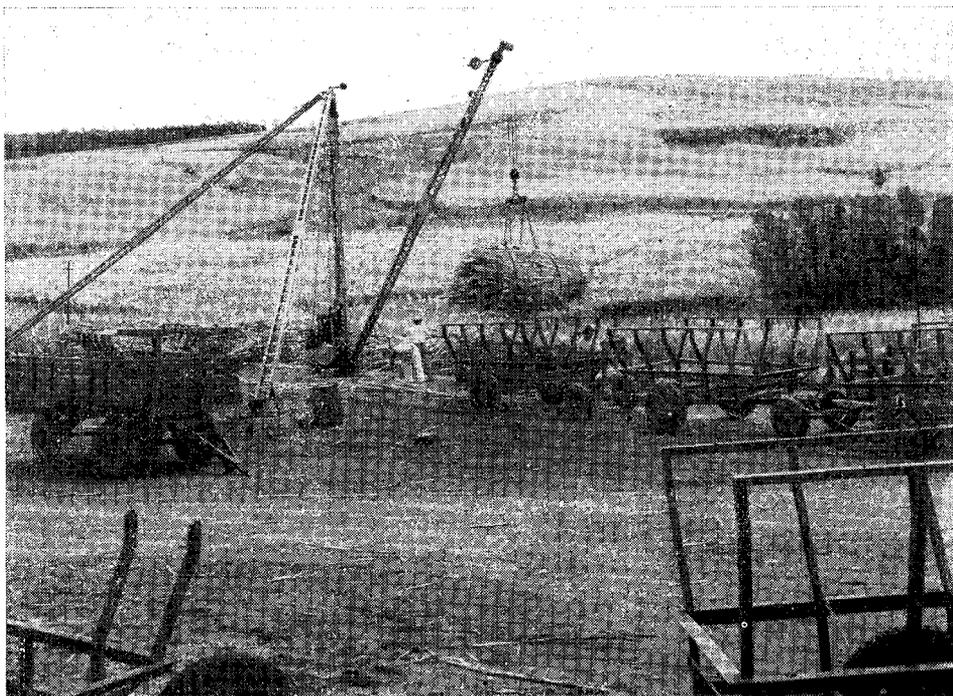


Foto 3 — Além de excelente organização, a Usina Amália dispõe igualmente de maquinaria adequada e de eficiente sistema de transporte.

A cana-de-açúcar é encaminhada à usina através de um sistema de transporte rápido, rendoso e bem entrosado.

Nas áreas mais onduladas, a cana é transportada em pequenas carrêtas de aço puxadas por bois até uma estrada situada no interior do canavial. Das carrêtas maiores, também de aço, mas conduzidas por trator, levam-na até a ferrovia da usina onde vagões especiais executam o transporte até a secção de moagem. Guindastes movidos a motor realizam o baldeamento, havendo, por conseguinte, economia de tempo e de esforço humano.

Na foto, um dos guindastes em pleno funcionamento, as carrêtas e, ao fundo, um dos canais da usina (Com. M.C.V.).



Município de Santa Rosa de Viterbo — São Paulo (Foto CNG n.º 5213-T.S.).

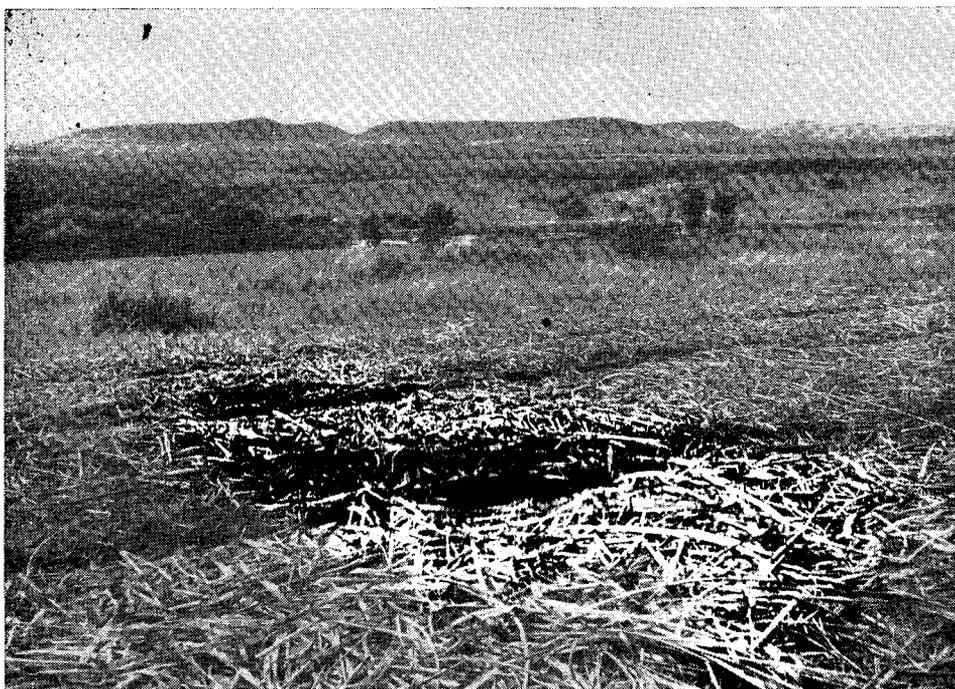


Foto 4 — A região ondulada do vale do rio Pardo, no município de Santa Rosa de Viterbo é de grande fertilidade. A extensa mancha de eruptivas básicas que aflora, deu origem a solos de terra roxa cuja riqueza é evidenciada pela vegetação arbórea que ainda resta na área, intensamente aproveitada para o estabelecimento da cultura canavieira. Notem-se as manchas de mata que, além de serem encontradas junto ao rio, também revestem a frente da "cuesta" que aparece no último plano. Nelas, aliás, é frequente a existência do jequitibá considerado na região como padrão de terra boa. (Com. L.G.A.).

Município de Santa Rosa de Viterbo — São Paulo (Foto CNG n.º 5212-T.S.).

teor em sacarose e outras variedades, como a de Java, Corumbatori — 80 e Campos — C B. Tais variedades englobam os tipos de maior rendimento.

Além de aprimorada técnica agrícola, temos a assinalar ainda o excelente sistema de transporte. Nos locais de topografia mais acidentada a cana é conduzida às estradas construídas no meio do canavial, entre os talhões, em carros de boi. Ai, já em topografia mais suave, dá-se o baldeamento para as carrêtas, cujas rodas são de pneu, que conduzem a carga até a Estrada de Ferro, pertencente ao patrimônio. Aquelas carrêtas são movidas a trator. A Estrada de Ferro, finalmente, se encarrega de recolher tôda a produção e executar o transporte final até à Usina. Para isso, dispõe, a organização, de uma rede ferroviária com 98 quilômetros de extensão.

Da industrialização obtêm-se os seguintes produtos: açúcar cristal, açúcar refinado, álcool, ácido cítrico sintético e papel. Na produção deste, o bagaço de cana entra na proporção de 40% adicionado a fibras de eucalipto e certos resíduos.

Em média, a produção anual ultrapassa 500 000 sacos de 60 quilos.

Outro recurso agrícola de projeção é o café com um total de 180 000 pés entre novos e velhos, que ocupam os melhores solos, com tendências progressistas.

Dos outros produtos cultivados destacam-se ainda os seguintes: a mandioca ocupando uma área de 1 000 alqueires, tendo como objetivos a fabricação da farinha, da raspa destinada à criação de suínos e do amido, em grande parte destinado à exportação.

Quinhentos outros alqueires são ocupados por diversas culturas com: cereais, tomate, abóbora e ervilha. A fruticultura constitui-se noutra importante fonte de renda facultada pela industrialização da goiaba e da manga. São também industrializados o tomate e a ervilha.

Revelando a preocupação dos técnicos relativamente aos problemas de conservação dos recursos naturais, há na Fazenda Amália cerca de 200 alqueires ainda recobertos de mata virgem que constituem a principal reserva, que, inclusive, é resguardada contra a ação do fogo e do próprio homem. O mencionado total não compreende um espaço contínuo, mas conjuntos que, somados, perfazem aquele total. Entre as espécies mais comuns, destacam-se pelo seu valor a peroba, o jequitibá, a cabreúva, o jacarandá, o ipê e outras.

Por mata secundária englobamos as espécies da mata virgem ainda não derrubada e outras que surgiram posteriormente aos aproveitamentos parciais, dando origem às capoeiras, facilmente distinguidas da anterior pela fisionomia menos exuberante que ostentam, em virtude da presença de espécies decíduas.

Além da mata tropical do interior, ainda há pequenos trechos ocupados pelo cerrado.

O reflorestamento é feito exclusivamente à base do eucalipto, que atualmente recobre 1 000 alqueires da propriedade, sendo executado nos terrenos menos favoráveis à agricultura.

A PECUÁRIA

Reservados ao gado bovino, há 3 000 alqueires em pastagens. A criação é do tipo extensivo e destinada ao corte. Nota-se entretanto, a preocupação em obter um tipo melhor. Daí, predominar entre as 4 000 cabeças de bovinos a raça Nelore. Últimamente outra foi introduzida com objetivo de aprimorar o rebanho. Trata-se da raça francesa Charolesa.

Embora destinando-se ao corte, aproveita-se dessa criação extensiva o leite para consumo interno, havendo inclusive fabricação de queijo e manteiga. Por isso, o gado leiteiro ocupa os pastos melhores.

ENERGIA

A energia é obtida na usina hidrelétrica de propriedade da organização existente no Rio Pardo, complementada por geradores a óleo diesel e turbinas a vapor.

TRABALHO E ORGANIZAÇÃO

A população de todo o conjunto é de cerca de 12 000 habitantes. Dêse total, prestam serviços umas 7 000 pessoas, sendo que na época da safra o número de braços em trabalho é acrescido dos elementos de fora à base de contrato.

No conjunto interno, nota-se um predomínio do negro na agricultura, enquanto nas indústrias o elemento branco constitui o maior contingente.

O trabalho agrícola é executado geralmente sob o regime de empreitada. Todavia, há ainda mensalistas e diaristas, que estão mais ligados às indústrias de transformação. A base de remuneração é feita segundo um nível um pouco superior ao salário mínimo regional.

A assistência social é completa. Há no conjunto serviço hospitalar, com 4 médicos e ambulâncias, bem como 3 dentistas aos quais está afeto o estado sanitário da população rural. A educação da infância é realizada através de escolas primárias existentes em cada conjunto residencial.

Lojas e armazéns, fornecem aos operários os gêneros alimentícios e outras utilidades indispensáveis. Ambos são mantidos pela organização.

O efetivo humano que presta serviços a esta reside, parte dêle na cidade de Santa Rosa de Viterbo, e outra parte em terras da própria fazenda.

As residências no perímetro da propriedade formam aglomerados homogêneos, quanto ao tipo de construção. As concentrações obedecem a um planejamento prévio para atender às diversas culturas e para cada concentração há sempre um armazém, um ambulatório, uma escola, etc., para suprir as necessidades de cada família a êle pertencente. As casas que são padronizadas, revelam conforto relativo e destinam-se, via de regra, aos trabalhadores da lavoura.

A outra parte da população que reside na cidade acima mencionada corresponde ao contingente que exerce funções mais categorizadas.

Podemos concluir que a organização e o uso da terra na Fazenda Amália revelam uma estrutura *sui-generis* muito pouco freqüente no quadro da geografia agrária nacional e atesta a eficácia da técnica e da racionalização do trabalho.